

DOSSIÊ TEMÁTICO

POSSÍVEIS ORIGENS DOS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Meire Oliveira Silva¹

Resumo: As classificações de gênero estão atreladas a categorias socioculturais que ultrapassam as definições biológicas geralmente associadas à heteronormatividade e a imposições categorizadas em binarismos que desconsideram a pluralidade das existências. O documentário *Bichas* (2016), de Marlon Parente, promove discussão e reflexão sobre o impacto das agressões aos gêneros desde a infância, bem como suas reverberações na formação dos indivíduos, de modo a ressignificar práticas e repensar epistemologias a fim de repudiar a violência em torno de preconceitos.

Palavras-chaves: Documentário. Diversidade sexual. Gênero. Direitos Humanos. *Queer*.

A compreensão dos sujeitos para além de uma constituição biológica cujos binarismos desconsideram as demais interações e inserções sociais como construções de existências, apresenta-se como oportunidade de garantir a dignidade e o respeito desde a infância e a adolescência até a idade adulta. A partir das categorias de gênero e, para além das regras da heteronormatividade que norteiam a ocupação de espaços sociais convencionalmente, pode-se ampliar o debate acerca dessas representações. Os papéis social, afetivo e cultural próprios dos gêneros são consequentemente incluídos para além das condutas exigidas por uma sociedade que tende a desconsiderar a diversidade e a pluralidade das relações humanas.

No documentário de curta-metragem *Bichas* (2016), o realizador Marlon Parente propõe uma discussão através dos depoimentos de seis jovens² entre 19 e 26 anos, de Recife (PE) que, desde muito cedo, conviveram com as exigências em relação às suas

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), é docente do curso de Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). É também autora de *Liturgia da pedra: negro amor de rendas brancas* (Alameda Editorial, 2018) e *O cinema-poesia de Joaquim Pedro de Andrade: passos da paixão mineira* (2016), além de tradutora de textos literários e acadêmicos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4863-6062> E-mail: meireoliveirasilva79@gmail.com

² João Pedro, Bruno Delgado, João Pedro Simões, Igor Ferreira, Italo Amorim e Orlando Dantas.

performances (BUTLER, 2003) antes da descoberta de uma atitude politicamente emancipatória e, portanto, necessária às ações afirmativas da identidade de gênero contidas na ressignificação de discursos e na reformulação de conceitos. Assim, construíram meios de superação dessas dualidades como práticas de transformação de seus corpos e afetos oprimidos desde a infância. Deste modo, em 39 minutos, levantam-se questões acerca dos estereótipos que rondam suas vidas desde cedo, a partir de depoimentos que desnudam uma série de preconceitos entronizados acerca das identidades de gênero.

A proposta de Parente, estudante de publicidade de 23 anos, nascido em São Paulo, crescido no interior de Pernambuco e atualmente radicado no Recife (TEDxUFPE), está envolta em realidades abrangentes geográfica, cultural e economicamente, e isso transparece em sua proposta fílmica, a partir das questões reverberadas nas declarações ali veiculadas. Como testemunhas de si mesmos, as confissões se irmanam diante da câmera em catarses operadas como uma espécie de convite ao espectador – não só a câmera fria e estática, mas uma câmera-corpo – de escuta ante o desnudamento dos discursos. Os jovens sugerem reflexões acerca dos desígnios das amarras impostas a suas existências dadas as subjetividades abafadas na maior parte das reminiscências infantis.

Ao se apresentarem para essa *câmera-corpo-espelho-diário*, os jovens dispõem da naturalidade de quem está habituado à ferramenta dos vídeos produzidos para a internet – onde o documentário está disponibilizado gratuitamente, na plataforma *YouTube* –, demarcando a “geração conectada” em meio a qual cresceram e se tornaram adultos, ao retomarem as lembranças que lhes servirão para erigir narrativas cujos pontos de encontro são costurados pela montagem dos eventos (semelhantes) relatados: “Oi, meu nome é João Pedro. Mais conhecida como Peu, Peutney ou Britney ou Lara Beckney.”; “Meu nome é Bruno, sou bicha, tenho 24 anos e minha idade eu não revelo.”; “Eu sou João Pedro, tenho 21 anos. Eu sou bicha e sou preta.”; “Meu nome é Igor, eu tenho 19 anos. Sou *drag queen* e sou bicha”; “Meu nome é Italo, tenho 26 anos, e eu não tenho a menor vergonha de ser bicha”; “Meu nome é Orlando Dantas, tenho 22 anos e eu sou bicha”.

No engendramento de aspectos filosóficos, sociológicos, culturais e artísticos, a problematização da palavra bicha será então tomada em contraposição aos discursos hegemônicos marginalizadores das expressões individuais. Tais pressupostos serão confrontados aos meios virtuais de comunicação que atualmente perpetuam a

estigmatização de alguns setores para além dos espaços físicos da sociedade, como trabalho, escola e de entretenimento. Diante de tantas transformações, novas maneiras de existir em sociedade precisam ser continuamente pensadas de forma a garantir o bem-estar e a dignidade de crianças e jovens.

Ocupando o mesmo cenário, minimalista e intimista, com pequenos detalhes modificados, os jovens se dirigem ao seu interlocutor – fora de cena –, como é típico³ dos documentários, em plano médio. Mesmo sendo um documentário produzido com o aparente despojamento de um estudante de publicidade, a técnica empregada remete, de certa forma, a obras como *Jogo de cena* (2007), de Eduardo Coutinho, voltada aos relatos de mulheres e atrizes que interpretam depoimentos de outras mulheres, num curioso jogo de verdade e ficção no cinema documentário. Já *Bichas*, por sua vez, mesmo ao partir de depoimentos reais parece ser, por vezes, inverossímil tamanha a incoerência com que as pessoas delegaram ao tratamento de crianças e jovens considerados socialmente inadequados – portanto, queer – e estão irmanados pelas mesmas dores vivenciadas em contextos sociais, religiosos e educacionais diferentes, mostrando que tais violências estão arraigadas na estrutura da sociedade brasileira.

Sucessivamente, os testemunhos constroem a realidade inegavelmente preconceituosa dessa sociedade, mesmo existindo a prerrogativa de que a OMS (Organização Mundial da Saúde) reconhece claramente a divergência entre sexo e gênero. Assim, de acordo com estudiosos da temática, “*Sexo* se refere às características biológicas e fisiológicas que definem o homem a mulher, enquanto *gênero* se refere aos papéis socialmente construídos (...)” (REVISTA UHU). Nesse contexto, é preciso remontar às diferenciações entre sexo e gênero e considerar as nuances envolvidas nos seus processos de formação e suas implicações sociais, históricas e políticas⁴. A tese do

³ V. *Cineastas e imagens do povo*, no qual Jean-Claude Bernardet ressalta que o recurso da entrevista consagrou-se como uma forma de “linguagem” do documentário brasileiro.

⁴ É importante lembrar que a escritora Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação* (2019), problematiza, inclusive, o uso da linguagem – especificamente a língua portuguesa –, enquanto ferramenta histórica e política de opressão, por meio dos vocábulos seguidos de flexões e determinantes masculinos para generalizar situações, privilegiando o discurso de uma masculinidade. Para os povos colonizados, simbolizaria também uma nova opressão herdada dos primeiros “descobridores”. Assim, a autora questiona os múltiplos seres encaixados em gêneros binários em esferas masculina e feminina, propondo uma nova concepção, uma neutralidade ou um abarcamento de todos os papéis. Atualmente, a terminação com *e*, *x*, *@* – em adjetivos e artigos da língua portuguesa –, para sugerir uma categoria além das binárias tradicionais, tornaram-se cada vez mais usuais em textos, sobretudo os produzidos virtualmente, nos domínios da internet.

documentário fundamenta-se, não só pelas experiências pessoais dos depoentes, mas corrobora os estudos teóricos realizados desde os anos 1960:

(...) através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*. Visando "rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual", elas desejam acentuar, através da linguagem, "o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (Scott, 1995, p.72). O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política. (LOURO, 1997, p. 21)

Na década de 1990, nos Estados Unidos, emergiram problematizações em torno do conceito de *queer* por meio do entrelaçamento de estudos oriundos do Pós-Estruturalismo e dos Estudos Culturais, a fim de questionar padrões e normas que regem os valores tradicionais e comumente exigidos em sociedade. No campo das teorias acerca da sexualidade, há uma subversão dos discursos produzidos hegemonicamente, sobretudo na cultura ocidental. Tratava-se, portanto, de preocupações levantadas inclusive fora dos limites acadêmicos por meio de discussões acirradas advindas das mudanças ocorridas na segunda metade do século XX. A recusa de padronizações, por conseguinte, comportamentais foi teorizada por diversos pensadores sobre as questões de gênero e sexo como frutos de construções sociais.

Assim, a própria escolha do título do curta vai ao encontro do vocábulo *queer* da língua inglesa, ao problematizar questões de ordem social que ultrapassam a comunicação e os idiomas oficiais, tais como os estereótipos aos quais estão sujeitos os seres considerados como “excêntricos”, “ridículos” ou “raros” (LOURO, 1997) sendo também uma forma linguística de levante contra as violências exercidas, através da resignificação da linguagem, como propõe o próprio diretor (TEDX UFPE). De certa forma, a resistência dos grupos homossexuais contra a imposição de uma heteronormatividade fortaleceu-os como atores sociais responsáveis pela modificação de um cenário a princípio cristalizado pelas convenções conservadoras e, no caso deste documentário, a figura dos “cabra machos” do Nordeste do país.

Tais impasses se verificam em todos os depoimentos, como o de Orlando, ao relatar que, após participar de uma festa, aos 18 anos, teve sua primeira experiência de afetividade com outro garoto, mas foi surpreendido posteriormente pelos pais em uma conversa nas redes sociais. Como é próprio dessa geração que cresceu conectada, os relatos envolvendo a internet e os meios de comunicação de massa são frequentemente mencionados por todos eles. Em meio a variações sobre o mesmo cenário, de parede

azul clara – de desconstrução de conceitos tradicionais –, no caso de Orlando, é possível ler as inscrições feitas com giz branco de *bicha!* na parede acima da cabeceira da cama. O ponto de exclamação já aparecia como uma afirmação, assim como o espaço, nos depoimentos de Igor, está marcado por acessórios de *drag queen*. E as referências ao mundo do entretenimento continuam ao contar que ouviu de seus pais após confessar sua orientação sexual: “Você tem que parar de assistir BBB. É aquele Serginho que está fazendo isso com você.”⁵

Através da problemática dos discursos, a montagem do documentário partirá de uma solução aparentemente simples de apresentar os seis depoimentos, mas a narrativa ganha corpo por meio da tensão que é revelada a cada uma das confissões porque parece seguir o mesmo fio condutor e resta a dúvida se é, de fato, realidade, de tão insólitas que algumas situações se apresentam, embora façam parte do cotidiano brasileiro, já que são frases e situações que o espectador logo reconhece como rotineiras. Nesse momento, os estereótipos em torno de brinquedos, roupas e trejeitos revela a opressão do universo infantil. Ao ser considerado somente o sexo biológico no qual estão classificados os seres, há uma sucessão de critérios de aprovação ou rejeição a justificarem a perseguição de um indivíduo. Os traumas decorrentes dessas situações são erigidos por memórias de uma época de formação e desenvolvimento em que situações naturais passam a ser reprovadas em sociedade. Essas memórias permanecem na idade adulta e seus traumas precisam encontrar mecanismos de cura e autoaceitação, segundo todos os entrevistados ao longo do filme.

Vestindo camiseta vermelha, João Pedro (Peutney) demarca sua identidade nesse cenário por meio dos muitos CDs em segundo plano, aludindo às músicas e cantoras que inspiraram sua trajetória desde criança. Admirador de cantoras e divas pop americanas, relata que seu pai comprava esses CDs para lhe presentear, assim como o boneco do *Power Ranger* Rosa, sem problema nenhum. Explica que resolveu contar sobre sua sexualidade primeiramente à mãe, mas relatando-lhe que era bissexual para, talvez, amenizar a revelação. Para o pai, ao ficar indignado e surpreso diante da confissão, descreve: “Eu disse pra ele que, desde pequenininho, era gay.”

As questões preconceituosas que rondam o olhar acerca das múltiplas *performatividades* dos indivíduos também são construídas socialmente, seja em

⁵ *Big Brother* Brasil, *reality show* existente na televisão brasileira, desde 29 de janeiro de 2002, com altos índices de audiência. Serginho participou da 10ª edição do *reality* e já abria discussões sobre não ser binário, o que instigava a curiosidade do público, bem como os ataques homofóbicos, ressaltando as nuances psicanalíticas de fascínio e aversão que geralmente acometem os autores dessas agressões.

ambiente familiar, educacional, recreativo ou na mídia, para citar apenas os contextos que não são capazes de abarcar realidades humanas em sua complexidade.

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros. (LOURO, 1997, p. 24)

Aos 16 anos, Bruno revela que estava namorando e já afirmava não se tratar de uma fase: “Não dei chance para ela [a mãe] retrucar com frases prontas.” Descobre, em sua confissão, que a mãe também era homossexual. Ao passo que ele reflete diante da câmera o que pode ter significado essa vida de segredos em torno de sua sexualidade perante a família. Italo conta que, mesmo com todos os indícios que ele dava à mãe acerca de sua orientação sexual, reflete que “nunca é uma certeza” antes da revelação. Orlando conta que o pai não o expunha dizendo algo como “Para. Tu tá sendo muito bicha”, mas puxava sempre seu cabelo, diante de qualquer ação considerada inadequada. E completa: “Todos os apelidos possíveis que incluíam Orlando e *gay*, desde ‘orgayzinho’ até ‘Olha lá a bichinha passando’” o magoavam. “Era péssimo porque eu tava lá vivendo minha vida normal, de boa. E o povo ficava gritando isso pra mim. Eu ficava sem entender. Mas eu sentia aquela maldade por trás da palavra, sabe?”

Diante dos vários estereótipos de gênero mormente reforçados, entre brincadeiras, cores e papéis são tolhidas vivências em torno do que seria o desempenho socialmente aceito entre indivíduos biológica, social e culturalmente diversos. Enquanto essa disputa de raiz ideológica ou religiosa se configura, as crianças são submetidas a imposições limitadoras de suas capacidades de interagir com o ambiente e seu mundo interior. Reprimido pela avó, João Pedro confessa ter chorado e ficando muito culpado e triste, reprimindo-se em maneiras de existir contrárias as suas vontades: “Quando eu era pequeno eu sempre queria brincar com minhas primas... eu era então diferente do que eu mostrava em meu círculo social de família, gesticulava e contava piada...” Quadro bastante comum diante das repressões desenvolvidas como meios de sobrevivência para crianças nesse processo violento.

A neuropediatra Liubiana Arantes de Araújo, da Sociedade Brasileira de Pediatria, explica que as brincadeiras na infância promovem conexões

cerebrais responsáveis pela formação de habilidades importantes no futuro. Um garoto pode treinar o cuidado e o afeto com uma boneca. “Isso não tem a ver com orientação sexual”, diz. Para a educadora sexual Maria Helena Vilela, diferenciar brinquedos, cores (azul x rosa) e comportamentos (agressividade x delicadeza) “permitidos” para meninos e meninas é um “desrespeito às potencialidades das crianças. (REVISTA CRESCER)

Considerando-as as diversidades acerca das possibilidades de interações humanas, uma reconstituição histórica talvez contribua para a elucidação da enevoadá questão que se impõe, como a chamada “teoria de gênero”, a qual não foi cunhada necessariamente, mas sobre a qual versam os estudos de gêneros. A ideia de gênero e sexo serem diversos remonta às teorias de 1950, aos estudos dos chamados à época de “hermafroditas”, devido aos desígnios dos órgãos reprodutivos em suas formas fenotípicas atribuídas pela Ciência como de homem ou mulher – definições limitadoras e problemáticas, ao se pensar que existem diferenças entre gênero e sexo, cultural e biologicamente, no contexto da sociedade em um momento histórico que atribuem papéis sociais aos sujeitos. Tais categorias podem marcar profundamente a trajetória de uma pessoa, como relembra um dos depoentes do curta-metragem, ao contar episódios traumatizantes da infância:

Posso contar duas histórias? A primeira história foi quando eu estava na alfabetização. Eu tinha seis ou sete anos. Teve um concursinho de dança, na escola. Na época, o *É o tchan* fazia muito sucesso! E todo mundo ia dançar. E eu também queria dançar. Só que estavam concorrendo “Jacarés” e “Sheilas”. E eu fui dançar como Jacaré... Só que as pessoas disseram que eu não estava dançando como Jacaré. Disseram que eu estava dançando como a Scheila. E aí foi horrível! Começaram a dizer: ‘Ah, ele quer ser Scheila. Ele é uma menina. É bicha! É viado! E eu estava sozinho. Naquela situação, numa escola que eu não conhecia, pois tinha acabado de chegar. Todo mundo estava contra mim naquele momento porque eu tinha dançado parecendo uma Scheila. E eu fugi da escola.

Chamam a atenção as expressões faciais diante do relato, de identificação do entrevistado com a dançarina Scheila e não com o dançarino Jacaré. Seu sorriso esboçado parece de contentamento por ter sua identidade espontaneamente expressada pela dança, embora cruelmente exposta ante a exigência tácita de uma *performance* dita masculina. Após a elaboração de anos sobre o evento, algo não percebido em seus “seis ou sete anos”, emerge como rememoração da experiência dolorosa, ainda presente nas lembranças de repulsa pelo ambiente escolar.

Por aperceberem-se situados no limiar da barreira comumente imposta aos indivíduos portadores de desvios encaixados nas classificações sectárias entre próprias

do gênero feminino ou masculino, o sujeito que se forma entre categorias binárias, geralmente, tende a se isolar do convívio social por reprovação de sua conduta ou por autocensura quanto ao desempenho de seus papéis. O conhecimento epistemológico, ao longo de suas existências, adquirido por meio da desconstrução das *performances* mormente esperadas como desempenhadas em função do sexo biológico pode contribuir para o fortalecimento de práticas frente a tais agressões.

Em outro momento, Bruno relata ter sido submetido a um tratamento denominado Terapia Cognitiva Comportamental (TCC), confessa ter tido suas inclinações homossexuais tolhidas por esse “treinamento” de reorientação sexual e também por uma criação traumatizante, como: “Eu ouvi que era bicha, que era viado... estava numa padaria quando eu tinha, sei lá, uns seis anos de idade. E não entendi o que era aquilo, mas o jeito como ele falou era tão pesado que eu entendi que aquilo era uma coisa muito ruim.” Esses traumas rondaram sua formação ainda muito novo, sendo incompreendidos à época e reelaborados hoje, ao resgatar tais memórias e reinterpretá-las:

[Era algo como] essa criança promete. Então minha mãe queria me proteger, me esconder, para que eu não sofresse as mesmas coisas que ela. Quando eu tinha uns oito anos, entrei em uma terapia por conta do meu comportamento. Era Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). E aí eu comecei a ser treinado pra agir diferente. Na verdade, eu comecei a ser ensinado que tudo que eu fazia era errado. As coisas que eu brincava, as pessoas com quem eu brincava, o jeito que eu falava, que eu andava. Então, na terapia, ela [a terapeuta] gravava tudo que eu dizia pra eu ouvir depois. Ela fazia eu repetir as mesmas coisas com outra voz, pra treinar uma voz mais masculina. Eu caminhei várias vezes pela sala para treinar um caminhar de homem. Eu fiz um tipo de caligrafia também pra escrever igual um menino. E ela falava, por exemplo, que o meu A e o meu O, eles eram quase iguais. E ela falava que isso era uma coisa muito errada porque tinha que diferenciar o que era feminino e o que era masculino.

Essas terapias, práticas inibidoras e limitadoras reproduzem as violências que desconsideram a pluralidade da essência humana, ferindo os pressupostos psicanalíticos, inclusive entre alguns profissionais da área, como ressalta o estudo a seguir:

Nossa hipótese é a de que os analistas não estão preparados para lidar com a multiplicidade das traduções pulsionais possíveis ao se depararem com as angústias dos pacientes marcadas pelo sentimento de inadequação às exigências sociais dos seus desejos sexuais e de suas construções identitárias. Isto se deve ao fato de terem sido formados com base em uma concepção teórica sobre o desenvolvimento humano tributária do binarismo e pautada na diferença, e não na diversidade. Diante das manifestações clínicas de pacientes hetero, homo, trans e quais mais forem possíveis, nós psicanalistas temos trabalhado com concepções essencialistas de homem e mulher, tal

como a sociedade, a cultura e as teorias biológicas tantas vezes nos impõem. A clínica psicanalítica tem o poder de problematizar construções de gênero marcadas pela repressão e isso requer do analista a consideração da diversidade em detrimento de uma concepção binária e restrita da sexualidade, do gênero e das identificações. Estejamos atentos ao fato de que esta postura pode representar um ataque ao núcleo da identidade de gênero do próprio analista, pois não raras vezes verificarmos a violenta contratransferência que as questões trans provocam nos profissionais. Tal fato ressalta a importância dessa discussão no meio acadêmico e nos centros de formação, pois a postura adotada nestas instituições irá determinar a forma com que os processos de análise e de supervisão dos analistas em formação abordarão essa abertura para a diversidade. (ANAIS IV COLÓQUIO PSICANÁLISE, 2016, p. 9)

Devido aos processos traumáticos desencadeados por tanta repressão e, inclusive, pela Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), Bruno revela ter tentado o suicídio. Embora a Organização Mundial de Saúde (OMS), tenha instituído o Dia Mundial da Prevenção do Suicídio, desde 2003, em 10 de setembro, e existam dados a respeito do aumento de programas de prevenção a respeito, é notório o grande número de vítimas anualmente, sobretudo entre jovens homossexuais cujas histórias não são muito diferentes das apresentadas no documentário. No Brasil, em 2015, criou-se a campanha Setembro Amarelo, por meio de uma parceria entre ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), CFM (Conselho Federal de Medicina) e CVV (Centro de Valorização da Vida), associando a cor amarela⁶ a esse mês, como forma a dar visibilidade ao problema.

“Apesar do progresso, uma pessoa ainda morre a cada 40 segundos por suicídio”, disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus. “Toda morte é uma tragédia para a família, amigos e colegas. No entanto, suicídios são evitáveis. Chamamos todos os países a incorporarem estratégias comprovadas de prevenção ao suicídio em seus programas nacionais de saúde e educação de maneira sustentável.” [...] O suicídio foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, estando atrás apenas dos acidentes de trânsito. Entre adolescentes de 15 a 19 anos, o suicídio foi a segunda principal causa de morte entre meninas (após condições maternas) e a terceira principal causa de morte entre meninos (após acidentes de trânsito e violência interpessoal). (NAÇÕES UNIDAS BRASIL)

Desde 2014, no país, a necessidade de se construir uma escola pautada por respeito, equidade, liberdade e diversidade vem sendo atacada com projetos vinculados ao cerceamento em torno da temática de gênero sob a alegação de que essas discussões

⁶ A cor amarela faz referência à do Ford Mustang no interior do qual foi encontrado o corpo do adolescente Mike Emme, que cometeu suicídio aos 17 anos, em 1968, nos Estados Unidos.

condicionariam o comportamento das crianças e adolescentes. Tais discursos, endossados por setores conservadores da sociedade, encontram-se em significativo crescimento, sendo também um dos fatores que corroboram para a violência exercida diariamente contra a diversidade, em posições isentas de qualquer embasamento jurídico ou científico, promovendo a instalação de totalitarismos e regras de conduta social regidas por interesses específicos. Contrariando-se, aliás, as orientações de profissionais responsáveis pelos cuidados psíquicos desses jovens:

Segundo estudiosos, a abordagem educacional sobre questões de gênero pode colaborar com o combate de problemas como gravidez na adolescência, violência contra mulher, machismo e homofobia. A igualdade de gênero é um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. De acordo com pesquisadores, o próprio termo "ideologia do gênero" foi gestado entre os que atacam essas discussões. Não há entre educadores, portanto, quem defenda uma ideologia. (FOLHA DE SÃO PAULO)

Discute-se, nas entrelinhas dos discursos dos jovens do documentário, também, a caricatura gay em uma sociedade que refuta continuamente a inserção de uma cultura LGBTQIA+. Por isso, levantam a bandeira da resistência no jogo sonoro e linguístico entre o “resistir” e “re-existir” na afirmação da existência de realidades e afetos que resistem cotidianamente a violências. Ser “a bicha que dá a cara a tapa” é uma forma de resistência, já que “ressignificando essa palavra... existe a noção de que ela pode unir pessoas”, como terminam em um unísono os depoimentos finais do documentário. Quando João Pedro afirma ser uma “bicha preta periférica” alerta também para as questões de interseccionalidade que devem ser observadas ao se tratar da temática da opressão de gêneros. Porque existem entrecruzamentos de opressões⁷ em país como o Brasil cujas taxas de assassinatos de homossexuais são inegáveis, mas também relativizados, silenciados e negados por grande parcela da população.

O jovem Italo confessa ter assumido a sua orientação à família, mas ter sido aconselhado pela mãe a não manifestar a sua sexualidade publicamente, ou “não levantar bandeiras”. No entanto, um evento de violência em sua vida o fez perceber que não se tratava de uma questão de anonimato ou não, apenas individualmente, mas como omissão ou representação de uma causa que reverberava coletivamente em ações mínimas desde os anos 1960, estabelecendo dialogismo e continuidade com a história de gerações anteriores.

⁷ Cf. os estudos de Lélia González sobre as opressões de gênero, etnia, classe, nacionalidade.

A crítica norte-americana Eve K. Sedgwick, desenvolveu estudos sobre gênero e sexualidade, sobretudo no que tange à questão queer. Desenvolve uma reflexão voltada ao símbolo do armário como instrumento de opressão sobre a vida de homossexuais para que consigam transitar nas esferas sociais que recriminam as especificidades de suas existências, ao sobrelevar as condutas hegemônicas do exercício heteronormativo dos atores sociais pertencentes a grupos tomados como parâmetros da “normalidade”. Ao afirmar que tal “segredo aberto”, por mais de 50 anos, condensa uma trajetória de lutas por dignidade, passando pelos eventos de Stonewall⁸.

A prerrogativa de ir e vir assegurada pela Constituição Federal (1988), por exemplo, é um dos pontos que mais chamam a atenção pela invisibilidade dispensada à comunidade queer, ao serem analisados o discurso dos seis entrevistados e as sutilezas de uma epistemologia que caracteriza a identidade homossexual e sua revelação por meio do coming out (“sair do armário”, em português) à sociedade, mesmo que, para todos, a revelação de suas identidades de gênero tenha significado uma libertação. Consequentemente, a ressignificação da palavra bicha transcendeu a condição de ofensa, por simbolizar uma postura de resistência ante a opressão. Seguindo como uma resistência diante das normas limitadoras e agressivas quanto às individualidades das relações públicas ou privadas servindo como dispositivo de fomento de preconceitos e restrições das liberdades individuais.

O argumento antiminoritarista de Freud, no entanto, só ganhou influência ao ser articulado através de um argumento desenvolvimentista em que prontamente se camuflavam as sanções éticas heterossexistas e masculinistas. Se o novo senso comum, segundo o qual homófobos candentemente abertos são homens “inseguros de sua masculinidade”, complementa a ilusão implausível e necessária de que poderia existir uma versão segura da masculinidade (conhecida, presumivelmente, pela frieza de sua expressão homofóbica) e um modo estável e inteligível de que os homens se sintam em relação a outros homens no moderno patriarcado heterossexual capitalista, que maior aperto poderia haver na rosca de uma identidade masculina já descentrada, sempre em falta, perpetuamente chantageável, e pronta a ser manipulada para a canalização da violência? (SEDGWICK, 2016, 26)

Diante da falta de políticas públicas de proteção a esses jovens e uma ação efetiva entre famílias e sociedade, muitos pais agridem ou não sabem como agir para proteger as agressões a seus filhos fora de casa. Retomando a história de Bruno, diante

⁸ Em 28 de junho de 1969, o bar *Stonewall Inn* (Manhattan, NY) foi alvo de ataques homofóbicos desencadeando uma série de reações da comunidade LGBT pelos direitos, respeito e tolerância à diversidade sexual.

de ataques na escola, sua mãe o encaminhou à já citada terapia de reversão sexual, conforme relato que traz detalhes que lembram muito dos recursos utilizados em Programação Neurolinguística (PNL), também associados ao advento dos discursos fundamentalistas que se fortaleceram religiosa e politicamente, no Brasil e nos Estados Unidos, nos últimos anos:

Eu lembro muito disso e parece uma besteira quando você fala isso fora de um contexto, mas foi uma coisa que me marcou muito. E eu não conseguia e não me sentia bem fazendo as coisas que ela queria que eu fizesse. O meu modelo estabelecido foi meu irmão. E eu tinha que me comportar como ele. E eu percebia que quanto mais tempo eu demorasse pra fazer o que ela queria, mais tempo eu iria ficar lá. [Essa terapia] durou um ano mais ou menos. E aí eu comecei a me comportar do jeito que ela queria. E isso não acabava quando eu saía da sala de terapia porque ela tinha criado uns sinais com a minha mãe e o meu irmão. Então, se eu me comportasse de maneira errada em público, minha mãe e meu irmão tinham que me corrigir. E quando eu via aquilo, eu tinha que parar. Se eu tivesse correndo como menina, tinha que correr como homem. Se eu tivesse falando com voz de menina, tinha que falar com voz de homem. E aí começou aquela perseguição na minha cabeça sobre todo meu comportamento, sobre toda a minha personalidade, sobre tudo!”

As histórias dessas crianças se repetem. Piadas, agressões e outros ataques derivados desses chamados desvios da conduta heteronormativa. Não é o escopo do filme, mas os espaços de perseguição aos considerados inadequados ultrapassaram os muros escolares por meio da ascensão da internet e os ataques sobretudo vinculados às redes sociais, em *cyberbullying*, ou nas projeções sociais às quais os indivíduos precisam se enquadrar para desempenhar funções convencionalmente aceitas.... A internet acirra esses crimes de ódio em velocidade incessante. As regulações impostas pelos laços familiares são desnudadas quando sofrem exposição em ambientes públicos, tal como confessa Igor. O aconselhamento de sua mãe para que não assumisse sua sexualidade publicamente apresenta-se como alternativa às prováveis e inevitáveis manifestações de intolerâncias às quais estão sujeitos os seres envolvidos no processo de assumir sua identidade de gênero e conviver com ela. O desconhecimento catalisador das agressões desferidas a esses indivíduos perpassa a mera violência para desvelar a ignorância institucionalizada em diversos setores da sociedade que opta deliberadamente pela refutação das marcas identitárias concernentes a todos os seus âmbitos desde o cerne familiar até a vizinhança, a escola, a igreja, entre tantos espaços onde a convivência em comunidade é imperativa. E as redes sociais contribuem para esses comportamentos e violências doentios.

Há certos prejuízos narrativos, que se nota em sujeitos que não conseguem narrar seu sofrimento, mas por outro lado temos sujeitos que se exprimem em escala interminável de um mangá, de um *animé* ou de uma série com oito temporadas. O novo normal é o que chamo de normalopatia, a nossa tendência inesperada a nos apaixonarmos pela adequação de corpos e práticas de si. A mania, por exemplo, deixou de ser um quadro crítico e passou a fazer parte de nossa normalopatia. Teremos uma noção melhor disso quando começarmos a atender a esta geração criada por tabletes radioativos, aos quais os pais inadvertidamente expuseram seus filhos. A intoxicação digital eletrônica é a nova normalopatia. (DUNKER, 2018, p. 96)

Por mais que o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), em todos os seus artigos, ressalte a importância da proteção em relação às crianças e jovens brasileiros, é preciso refletir sobre o alcance dessa legislação. Apenas dois anos após a promulgação da Constituição Federal de 1988, atualmente vigente, vislumbrava-se que crimes como os cometidos inclusive contra crianças filhas de perseguidos políticos não se repetissem, como nos exemplos abaixo:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.[...]

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. [...]

[...] Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

No entanto, as violências a que são submetidas as crianças brasileiras são perpetuadas sobretudo em relação à classe social, à raça e ao gênero, configurando-se como quadros de todo o país. As polêmicas em torno de coisas próprias para meninos ou meninas, diante da situação dramática vivida por inúmeras delas ainda que pareçam amparadas por uma legislação, na prática, apresentam-se como mecanismos de segregação discriminatória por não atender a todas as crianças. Um dos entrevistados conta que se afastou de tudo, na infância, tanto *hobbies* quanto amigos. Não suportava a ideia de estar proibido de ter amigas meninas, já que não tinha o que falar com os meninos, entre jogos e carrinhos. A autocensura também emerge devido às imposições familiares, inclusive, indo a igrejas e participando de atividades da comunidade. A religião como castradora de comportamentos vem à tona pela exigência de “postura” e

de “engrossa a voz”, ao passo que outro dos depoentes completa: “O que eu consegui extrair de minha relação com a igreja é que eu não quero voltar mais lá”. E esses universos revelam-se como espaços de violência silenciosas para essas crianças.

Conectar vivências, talvez, seja a maior proposta do documentário, que não se atém à discussão de técnicas fílmicas ou experimentações que venham a inovar o cenário do cinema nacional, mas provocar reflexões em torno dos moldes sobretudo acadêmicos nos quais os filmes são geralmente recebidos. Ao apresentar sua obra, no auditório da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), no evento TEDxTalks, Marlon Parente não se dispôs a realizar uma palestra convencional, mas um bate-papo com os ouvintes que lotaram a sala em sua apresentação que falava diretamente a eles sobre questões tão prementes e vivenciadas diariamente, inclusive, no universo acadêmico, cada vez mais sujeito à crescente violência e estigmatização diante da sociedade brasileira que passou a conceber as universidades como espaços de livre-pensar e, por isso, impossíveis de serem controlados e, conseqüentemente, sujeitos à perpetuação de “agravos ideológicos”. Por outro lado, é justamente nessas violências direcionadas às subjetividades que estão presentes discursos de ódio. Os desdobramentos desses acontecimentos ligados à intolerância, judicial ou manifestados popularmente, levanta questões.

Os reiterados assédios em todas as esferas são frequentes em todos os depoimentos. E o obscurecimento de pautas que tenham como prioridade a discussão e a educação acerca das diferenças não é uma prioridade. A necessidade de imposição de uma uniformização afirma-se como uma escolha diante da diversidade vista como ameaça à conduta tradicional. Se a diversidade sexual ou de gênero refere-se, especialmente, ao respeito a todas as orientações atreladas às expressões de identidades em suas pluralidades, o Brasil apresenta-se como um cenário cada vez mais avesso a urgência de coibir episódios da violência crescente junto ao tema.

Setores ligados à arte são alguns dos principais alvos das represálias, como foi o caso de repercussão nacional da censura à exposição *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, inaugurada em 2017, no espaço Santander Cultural, no centro de Porto Alegre. Nomes de referência nas artes nacionais, como Lygia Clark, Alfredo Volpi e Adriana Varejão faziam parte da referida mostra e isso tampouco coibiu a ação da ala conservadora. A nova tentativa de exibição do *Queermuseu* foi novamente cancelada em Belo Horizonte no ano seguinte. Bia Leite, com a obra “*Travesti da Lambada e Deusa das Águas*” foi acusada de aludir à pedofilia por esses mesmos grupos

conservadores já que sua obra tratava justamente da diversidade de gênero na infância. Igualmente, o artista plástico Wagner Schwartz, um mês depois, em setembro de 2017, ouviu as mesmas acusações, em sua *performance La Bête*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que nada discutia a respeito de gênero, somente estabelecia diálogos com a série Bichos (Lygia Clark), da década de 1960, mas o artista lidava com o seu corpo nu.

Tendo sido agredidos, sobretudo nas redes sociais, artistas vêm sofrendo sucessivos ataques justificados por seus agressores como uma profanação de símbolos religiosos e por estarem alinhados com ideologias supostamente perniciosas e blasfemadoras. Um ano antes, na ocasião do lançamento do documentário *Bichas*, observou-se a ascensão de uma série de manifestações cujas posições ancoradas em polaridades concentravam-se favoráveis ou contrárias a exposições, filmes, artistas, ideologias. O corpo – nu, negro, torturado, em qualquer situação, etc. – aparece sempre sendo destacado como pivô dessas ações. A crescente onda de discursos e verdades em disputa acabam por desconsiderar as diversidades que permeiam a dignidade humana e que sempre justificaram uma aclamada “democracia” – racial, inclusive – no âmbito da sociedade brasileira. É curioso refletir sobre a truculência com que a exposição foi acusada justamente por questionar a rigidez identitária por meio da alusão a comportamentos ou naturezas diversas dos moldes normativos. E os ataques, cada vez mais frequentes, têm se mostrado uma tendência que só foi acirrada desde o documentário de 2016, revelando uma ainda mais furiosa agressão contra os jovens e adolescentes considerados estranhos às normatividades exigidas por uma sociedade patriarcalmente colonial e escravocrata. Nesse sentido, as crianças negras e periféricas sofrem ainda mais ao serem estigmatizadas, pelos motivos largamente conhecidos ao se tratar da formação da sociedade brasileira.

Esses insultos tornam-se ainda mais ofensivos devido à internet. Segundo a Diretoria de Análise de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apurou-se a utilização de *bots* (robôs) em 13% da polêmica empenhada nas redes sociais no que se refere ao boicote da exposição. Ou seja, nos últimos anos, o aumento de manifestações de grupos que não necessariamente refletem a maior parte da população, sofre significativa elevação, na disseminação de conteúdos e discursos repletos de crimes de ódio. Seja por meio de *fake news* ou linchamentos virtuais – que, não raras vezes, encontram executores no “mundo real” – é possível imaginar as violências às quais seriam submetidos os seis jovens do documentário caso fossem crianças

atualmente. Possivelmente, as mesmas que continuam sofrendo sendo ainda muito jovens, hoje.

Paul B. Preciado (2013) questiona⁹ as questões moralizantes imbuídas de discursos sobre a defesa das crianças, desconsiderando e recriminando suas múltiplas naturezas:

O que o meu pai e minha mãe protegiam não eram os meus direitos enquanto criança, eles protegiam as regras sexuais e de gênero que tinham internalizado, através de um sistema educativo e social punitivo de todas as formas de desvios por meio de ameaça, intimidação, castigo, a morte. Eu tinha um pai e uma mãe, mas nenhum dos dois conseguiu proteger meu direito de livre autodeterminação de gênero e sexualidade. (tradução livre)

Portanto, compreender a criança como um produto social é permitir a ela tornar-se autora responsável pelas ações de sua própria existência ou *re-existência*, ultrapassando demarcações de condutas através dos tempos em novos levantes. A interseccionalidade que permeia esse olhar é premente e, talvez, a única maneira de enxergar esses indivíduos em suas presenças sociais, em um país como o Brasil, principalmente, em sua formação histórica envolta em violações e negacionismos. Assim, as imposições de performances de sexualidades, corpos e gêneros revelam-se como um mal a ser combatido dadas as agressões concernentes a esse processo de crescimento e inserção social. E a cura está em cada mínimo gesto para evitar tais afrontas. Como nos testemunhos de si mesmos, ou depoimentos, em suas vozes de Marlons, Brunos, Igors, Joões, Pedros...

Referências bibliográficas

BELO, F.; ROMAN, I; TIMO, A. “Diversidade de gênero: desafios para a clínica psicanalítica.” In: *Anais do IV Colóquio Psicanálise da Criança: Repensando a sexualidade da criança no século XXI*. São Paulo, agosto de 2016. Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise_crianca/coloquio2016/images/Anais_IVColoquio_2016.pdf Acesso: 24.04.2020

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁹ “Qui defend l’enfant *queer*?”, in: *Libération*, 14.01.2013

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Paul Beatriz Preciado. Niterói: *Revista Poiésis*, n. 15, p. 47-71, jul., 2010.

DAPP-FGV. “Pesquisa da FGV DAPP identifica uso de robôs em 13% do debate nas redes por boicote à exposição Queermuseu” Disponível em: <http://dapp.fgv.br/pesquisa-da-fgv-dapp-identifica-uso-de-robos-em-13-debate-nas-redes-por-boicote-exposicao-queermuseu/> Acesso em 25.04.2020

DUNKER, Christian. Sig – *Revista de Psicanálise* (entrevista). Porto Alegre, 2018.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (Lei n. 8069 de 13 de julho de 1990). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069compilado.htm Acesso: 25.04.2020

FOLHA DE SÃO PAULO. “Por unanimidade, Supremo declara inconstitucional lei municipal de 'ideologia de gênero'” Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/stf-forma-maioria-para-declarar-inconstitucional-lei-que-veta-discussao-de-genero-nas-escolas.shtml?origin=uol> 24 abril 2020, Acesso: 25.04.2020

LOURO, Guacira Lopes. 16ª ed. *Sexualidade, gênero e educação: uma perspectiva estruturalista*. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. São Paulo. Autêntica, 2012.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. “Um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo, diz OMS”, 19.09.2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-oms/> Acesso em: 24.04.2020

PARENTE, Marlon. Bichas. Brasil, 39 min, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU> Acesso: 20.03.2020

_____. BICHA: *Ressignificar para (re)existir*. Marlon Parente: TEDxUFPE, Centro de Estudos de Ciências Sociais Aplicadas (UFPE) – 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo93oScr-BM> Acesso: 22/04/2020

PRECIADO, Paul B. “Qui defend l'enfant queer?”, in *Libération*, 14 jan 2013. Disponível em: https://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947. Acesso: 26.04.2020

REVISTA CRESCER. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Desenvolvimento/noticia/2019/04/brinquedo-de-menina-x-brinquedo-de-menino.html>, 16 abr 2019. Acesso: 23.04.20

REVISTA IHU. *Revista do Instituto de Humanitas*, Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/observatorios/revista-ihu-online> Acesso: 20.04.2020

SEDGWICK, Eve K. “A Epistemologia do Armário”. *cadernos pagu* (28), janeiro-junho de 2007.

POSSIBLE ORIGINS OF GENDER VIOLENCE IMPACTS IN CHILDHOOD AND ADOLESCENCE

Abstract: Gender classifications as socio-cultural categories is more than biological definitions. They are generally associated with heteronormativity and impositions categorized in binarisms that refuse the plurality of existences. The documentary film *Bichas* (2016), by Marlon Parente, suggest some reflections about the violent imposition of gender since childhood, as well as its repercussions on the development of these human beings to propose practices and epistemologies to refute the intolerance around some prejudices.

Keywords: Documentary film. Sexual Diversity. Gender. Human Rights. Queer.

POSIBLES ORÍGENES DE LOS IMPACTOS DE LA VIOLENCIA DE GÉNERO EN INFANCIA Y ADOLESCENCIA

Resumen: Las clasificaciones de género están vinculadas a categorías socioculturales que van más allá de las definiciones biológicas generalmente asociadas con la heteronormatividad y las imposiciones clasificadas en binarismos que ignoran la pluralidad de existencias. El documental *Bichas* (2016), de Marlon Parente, hace la discusión y la reflexión sobre el impacto de las agresiones contra los géneros desde la infancia, así como sus reverberaciones en la formación de los individuos, con el fin de replantear las prácticas y repensar las epistemologías para repudiar la violencia en alrededor de prejuicios.

Palabras clave: Documental. Diversidad sexual. Género. Derechos humanos. *Queer*

Recebido: 27/04/2020

Aceito: 02/07/2020